

## Resenha

---

**OLIVEIRA**, Avelino da Rosa. **Marx e a liberdade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

*Atualidade e relevância* costumam ser brandidos como critérios preliminares na avaliação de qualquer trabalho científico. No fundo, isto significaria dizer que a primeira questão consiste em saber se o livro de Avelino da Rosa Oliveira tem algum significado que ultrapasse o interesse que possa haver na simples “arqueologia” das idéias de Marx. A propósito, em sua apresentação da dissertação de mestrado, o orientador Dr. Hans-Georg Flickinger começa perguntando se a retomada de Karl Marx não representaria apenas uma tentativa desesperada de revitalizar um ‘cachorro morto’ e prossegue indagando sobre qual o “possível sentido de trazer de novo à discussão um intelectual do passado, cuja crítica ao sistema do liberalismo capitalista teria sido tão fundamentalmente contestada pela história recente”. Com efeito, a partir da derrocada do socialismo real no fim dos anos 80, passou-se a alardear aos quatro ventos a idéia de que finalmente Marx estava definitivamente morto e sepultado, ao mesmo tempo em que levava de intelectuais, políticos e militantes de esquerda iam bandeando-se de mala e cuia para o que se anunciava como a única alternativa - o mundo da modernização globalizada, sob o ideário neoliberal. Pesquisar Marx, portanto, passava a ser trabalho de alto risco intelectual: o risco do monólogo, por falta de ouvintes e interlocutores. Isto, pelo lado “Marx” do tema-título do livro. Mas, e pelo lado “liberdade”? Ora, segundo o famoso arauto do *fim da história*<sup>36</sup>, com o colapso das “ditaduras autoritárias de todos os tipos, tanto de Direita como de Esquerda”, finalmente a sociedade teria chegado à terra da promessa - a democracia liberal, antes duramente desafiada e agora erigida em valor universal e perene. Se assim é, porque ocupar-se com a questão filosófica da liberdade, em Marx ou em quem quer que seja? Em resumo, se levados em conta apenas os ventos ainda dominantes, o trabalho de Avelino da Rosa Oliveira precisaria, sim, justificar sua presença. Foi o que o autor procurou fazer quando, logo depois de anunciar os objetivos de sua pesquisa, invocou o seguinte propósito de fundo: “*trata-se de demonstrar o potencial produtivo e desafiador que a teoria marxiana ainda hoje representa*” (p. 10). No entanto, é possível que alguns

---

36 FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

fatos novos venham facilitar a justificativa de temas como o do livro *Marx e a liberdade*. Refiro-me, a título de exemplo, aos surpreendentes resultados das últimas eleições na Inglaterra e França; ao agravamento dos problemas do desemprego, da pobreza, da fome, da exclusão social em escala mundial; aos tornados recentes, oriundos das bolsas de valores do Sudeste da Ásia, os quais em poucos dias reduziram os vigorosos tigres asiáticos à condição de gatinhos amedrontados, espalharam confusão pelo mundo todo e, de quebra, atarantaram os nossos loquazes governantes. Talvez seja cedo para dizer se o tema “Marx”, em especial “Marx e a liberdade”, tem melhorado o seu ibope. Mas, certamente a ousadia de Avelino da Rosa Oliveira de enfrentar os ventos hegemônicos nos sugere lembrar duas coisas. A primeira é a advertência de Eric Hobsbawm, no último número da revista *Marxism Today*, quando diz que, “até para aqueles que acreditam que nas economias mistas do futuro deverão prevalecer características capitalistas”, requer-se mais do que um simples retorno a Adam Smith; continuaria havendo lugar para o marxismo, porque somente ele poderia ajudar a “compreender como opera o capitalismo como sistema mundial, como ele evolui e quais são as contradições que o mantêm em mudança”<sup>37</sup>. A segunda lembrança atinge o nosso tema pelo outro lado. Basta lembrar que as crises econômicas mais profundas e duradouras costumam transbordar para o terreno da política, dando candência especial à questão da liberdade.

A segunda questão refere-se ao conteúdo em si do livro. Como o próprio autor o define, o objetivo primordial de seu trabalho foi investigar e expor a questão filosófica da liberdade no pensamento de Karl Marx. Paralelamente, propôs-se também acompanhar o processo de aprimoramento metodológico desenvolvido por Marx no curso de sua produção intelectual. A minha leitura diz que o segundo objetivo, ao qual o autor reservava um papel coadjuvante, acabou quase roubando a cena, tal o espaço e destaque conseguido no desenrolar da pesquisa. Felizmente. Assim o leitor pode ler o livro a partir, seja do enfoque da “questão filosófica da liberdade”, seja da perspectiva do processo de construção teórica ou, nas palavras do autor, do aprimoramento metodológico desenvolvido por Marx durante o curso de sua produção intelectual (p. 9-19).

Essa dupla perspectiva de análise está presente do começo ao fim da obra. Esta começa com “O primeiro experimento filosófico” do Marx estudante, com destaque para sua tese de doutorado sobre a diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro (capítulo 1). Passa então para “A base concreta da liberdade: entre Hegel e Feuerbach”, com atenção especial para *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel* e

---

37 HOBBSAWM, Eric. We've got problems too... *Marxism Today*, London, dezembro 1991, p. 16-18.

*Manuscrtos econômico-filosóficos*, respectivamente de 1843 e 1844 (capítulo 2). Em “O refinamento metodológico” o autor concentra a atenção na questão metodológica, principalmente na obra *Miséria da filosofia* e na Introdução aos *Grundrisse* (capítulo 3). Finalmente, em “A liberdade e o capital” (capítulo 4) o autor revela o quanto se aprofundou na obra mais importante de Marx. Destaca com muita propriedade a ambivalência que Marx identifica na palavra “livre”: livre no sentido de dispor de sua força de trabalho como sua mercadoria para vender e livre no sentido de não dispor de nenhuma outra mercadoria, de não dispor dos meios necessários à realização da sua força de trabalho. Os dois subtítulos: “A aparência da mercadoria e a morte da liberdade” e “A aparência da liberdade e a vida do capital” são sumamente sugestivos. Partindo da forma aparente da mercadoria, de sua aparência imediata e ingênua, Marx “força-a a revelar o velado; obriga-a a admitir que a liberdade não tem lugar em seu mundo”; mostra que a morte da liberdade é condição para a efetivação do capital como princípio onímico de síntese social (p. 158). A produção capitalista tem como sua condição que a liberdade *apareça* como um pressuposto de todas as relações, mas o que se efetiva mesmo sobre este pressuposto não é a liberdade, mas sim a não-liberdade. (p.174). Nas sociedades em que domina o modo de produção capitalista, conclui o autor, a liberdade só pode ser o não-trabalho (p. 175).

Em síntese, o livro de Avelino da Rosa Oliveira é desafiador para quantos participam da sua preocupação com a busca de alternativas para os problemas do mundo de hoje. Isto fica claro em sua última proposição conclusiva: “A fecundidade da teoria marxiana reside nela instigar o pensamento presente, dirigindo-o à busca de alternativas de práxis transformadoras em todos os campos da vida” (p.180).

Dr. Alceu R. Ferraro  
Universidade Católica de Pelotas